

# **EDUCAÇÃO E NOVOS LETRAMENTOS DIGITAIS: COLABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

Ana Paula Domingos Baladeli\*  
Aparecida de Jesus Ferreira\*\*

Recebido: 12 ago. 2011

Aprovado: 07 out. 2011

\*Mestra em Educação – UEM. Doutoranda em Letras – Linguagem e Sociedade pela UNIOESTE. Maringá, PR, Brasil. E-mail: annapdomingos@yahoo.com.br

\*\*Doutora em Educação de Professores pela Universidade de Londres. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, PR, Brasil. E-mail: aparecidadejesusferreira@gmail.com

Resumo: As redes sociais instauram práticas de leitura e de escrita descentralizadas, um convite à participação, à colaboração e à construção de identidades, dado que evidencia a dinamicidade do uso da linguagem na web. No entanto, em termos educacionais, a linguagem mediada por tecnologia ainda encontra-se alheia à escola, principal agência de letramento. Assim, este artigo discute os novos letramentos digitais, como práticas socioculturais de leitura e de escrita influenciadas por valores, crenças e ideologias. Busca-se na retomada das concepções de letramento e de identidade a construção de proposições referenciais ao ensino de línguas na perspectiva do letramento crítico, com vistas a uma prática de ensino de línguas contextualizada e crítica como pressuposto para a participação social.

Palavras-chave: Educação. Letramento digital. Identidade.

## **EDUCATION AND NEW DIGITAL LITERACIES: COLLABORATION AND IDENTITY CONSTRUCTION**

Abstract: Social network implement reading and writing practices decentralized, as an invite to participation, collaboration and to identity construction, which highlights the dynamic web language use. However, in terms of education, the language mediated through technology still is strange to school, main agency literacy. Thus, this paper discuss the new digital literacies, as sociocultural practices of reading and writing influenced by values, beliefs and ideologies. We intended to retrieve the concepts of schooling and literacy and identity the referential propositions to languages teaching in to critical literacy in order to achieve a contextualized practice to the social participation.

Key words: Education. Digital literacy. Identity.

## **INTRODUÇÃO**

A evolução das tecnologias da comunicação e informação (doravante TIC) tem mobilizado novas formas produção, acesso e divulgação da informação por meio da Internet. Conforme Castells (1999), Miranda (2000) e Recuero (2009) o advento da Internet desencadeou uma revolução sem precedente na interação do homem com a informação e na

consolidação de uma nova forma de sociabilidade por meio da participação nas chamadas redes sociais.

Temos então um cenário multifacetado, híbrido, efêmero impulsionado pela dinamicidade da contemporaneidade da chamada cibercultura (LEMOS, 2002; RECUERO, 2009). Segundo Santaella (2004), cibercultura diz respeito ao sistema de comunicação eletrônica no nível global movido pela atuação do homem com o computador, tornando difícil dissociarmos o uso de tecnologias das relações sociais, comerciais e acrescentaríamos ainda dizer, até educacionais, tendo em vista o aumento exponencial de pessoas que vinculam suas atividades à rede mundial de computadores.

Diante disso, em face à emergência em discutir as práticas de leitura e de escrita que ocorrem fora da sala de aula e, diante do desafio de repensar as práticas pedagógicas num contexto em que os jovens – nativos digitais estão cada vez mais imersos em práticas letradas mediadas pela tecnologia, apresentamos neste artigo algumas reflexões sobre os novos letramentos digitais e sua intersecção com a questão da identidade com foco nos novos estudos do letramento.

## **A INTERFACE EDUCAÇÃO E LETRAMENTOS DIGITAIS**

As pesquisas apresentadas por Kleiman (2010) sobre o letramento não escolar evidenciaram que as práticas de letramento escolares tendem a centrar-se nos conteúdos a serem estudados relegando, portanto, ao segundo plano a articulação com os interesses e conhecimentos socioculturalmente trazidos pelos alunos. Diante disso, Kleiman (2010) sugere que a prática social seja tomada como o ponto de partida e de chegada, na atuação do professor, dado que possibilitaria a articulação do letramento sociocultural trazido pelo aluno com o letramento escolar. Todavia, essa mudança de paradigma requereria a flexibilização do currículo; a adequação da prática pedagógica do professor e também a realização de projetos transdisciplinares de letramento. Por fim, Kleiman (2010, p. 394) aponta

[...] a necessidade de ruptura com os pressupostos do currículo tradicional a fim de promover, também na escola, experiências de acesso de circulação e dinamização de práticas de letramento para a vida social, experiências híbridas quanto aos valores locais e aqueles universais valorizados e legitimados pela escola.

Historicamente, a revisão do conceito de alfabetização e a ascensão dos estudos sobre o letramento no final da década de 80, evidenciou a limitação da alfabetização como a

apropriação do código ou tecnologia da escrita. Nesse cenário surge o letramento que passa a figurar como a tradução de *literacy* do inglês como o “[...] resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2010, p. 18).

Se a alfabetização pode ser compreendida como a apropriação sistematizada do código escrito, o letramento, por sua vez, ocorre ao longo da vida, competência que permite ao sujeito entender os usos da tecnologia da escrita na prática social na medida em que vivencia experiências de leitura e de escrita e que interage com diferentes textos (SOARES, 2010).

Ampliando a questão da alfabetização e letramento escolar, os chamados novos estudos do letramento (doravante NEL) têm subsidiado reflexões acerca da pluralidade dos letramentos em face aos avanços da tecnologia digital, uma vez que partem do pressuposto de que as práticas de letramento são essencialmente práticas sociais (SNYDER, 2010).

Em suas pesquisas, Brian Street (1995) chegou à definição de dois modelos de letramento: sendo eles o modelo autônomo e o modelo ideológico. No modelo autônomo de letramento, a escrita é autossuficiente, pois independe de seu contexto de produção e de uso. Na condição de tecnologia neutra, *per se* a escrita representaria mais uma habilidade cognitiva de cunho individual do que uma prática social. “A característica de autonomia refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado” (KLEIMAN, 1995, p. 21).

O modelo ideológico, por sua vez, oferece uma visão mais ampla das práticas de letramento, estas, compreendidas a partir de seu contexto sociocultural onde são produzidas. Diferente do modelo autônomo em que a tecnologia da escrita é independente do contexto em que é produzida no modelo ideológico, o letramento refere-se, sobretudo, às práticas sociais de uso da linguagem e não a uma técnica neutra passível de ser reproduzida da mesma forma em diferentes contextos (STREET, 1995; KLEIMAN, 1995).

Nos chamados estudos do letramento crítico, as práticas de leitura e de escrita são compreendidas como práticas sociais mediadas pela linguagem, sendo este interpelada não só pela cultura, como também pela ideologia do contexto em que está inserida (STREET, 1995). Numa perspectiva cultural, o contexto em que os letramentos são produzidos revela que os valores, as crenças e os significados são construções sociais balizadas com as visões de mundo e com as representações que se tem sobre determinados temas, não podendo, pois, essas mesmas práticas de letramentos serem reproduzidas em outro contexto.

Em termos educacionais, segundo Ferreira (2006), o aporte teórico do letramento crítico fornece uma compreensão do contexto social numa visão mais ampla abarcando aspectos políticos e ideológicos inerentes a toda prática de linguagem. Assim, ao adotarmos este referencial, deslocamos as análises do âmbito apenas linguístico, e as direcionamos para um contexto mais abrangente, em que a leitura e a escrita são compreendidas como práticas socioculturalmente marcadas, tendo seus significados construídos de formas diversas.

Nesse modelo, o letramento consiste numa prática que depende das inter-relações e das trocas dos sujeitos em diferentes espaços sociais nos quais atuam. Por essa razão, acreditamos que o aporte teórico do letramento crítico nos possibilita repensarmos as práticas atuais de uso da linguagem mediadas pela tecnologia, os letramentos digitais. Assim, seria relevante pensarmos os novos letramentos como reflexos da evolução da língua atrelados à tecnologia e, que na condição de produções socioculturais, carregam em sua essência valores e significados dos grupos que as produzem e as utilizam, dito de outro modo, tanto a língua quanto a tecnologia não são neutras.

A língua no contexto do letramento crítico é compreendida como uma produção sociocultural sendo, pois, necessária uma atitude política e crítica do professor já que a escola representa um espaço privilegiado de acesso, de estudo e de reflexão acerca do uso da linguagem. Para tanto, a formação do professor precisa também contemplar o estudo do tema, uma vez que as mutações no uso da linguagem diante das tecnologias despertam o interesse cada vez maior dos jovens.

Conforme Buzato (2010, p. 53), ser letrado significa “[...] participar de um conjunto de práticas sociais nas quais significados e sentidos de certos conteúdos codificados culturalmente são gerados”. Ainda sobre o significado do termo nessa perspectiva de letramento Lankshear e Knobel (2007), acredita-se que ser letrado digital refere-se à capacidade de o sujeito compreender e usar a informação em múltiplos formatos, a partir de uma ampla gama de fontes de informação.

Nesse sentido, concordamos com Snyder (2010) quando defende que mesmo com o avanço das tecnologias digitais e a participação crescente dos jovens nos espaços de interação no ambiente virtual, o que continua urgente é o desenvolvimento do pensamento crítico, seja no ambiente virtual ou fora dele. “Desenvolver o hábito de pensar criticamente é a capacidade letrada mais significativa de todas: se for atingida, todas as outras se encaixam em seus lugares; se for ignorada, a internet permanecerá um ambiente sedutor, mas frequentemente enganador” (p. 271).

Entretanto, ainda que os novos letramentos digitais e as práticas de leitura e de escrita mediadas por tecnologia estejam em evidência, observa-se que, na escola, esses letramentos não são contemplados ou mesmo considerados como formas válidas de interação e de uso da linguagem. Isso acontece, pois, o paradigma tradicional de educação, centrado na figura do professor como única fonte de informação e de conhecimento, ainda está cristalizado nas práticas pedagógicas, evidenciando também uma concepção estruturalista de ensino de línguas.

### **WEB: ESPAÇO DE COLABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**

Os espaços de interação na *web*, interface gráfica da Internet, indubitavelmente favorecem a mobilização social e o ativismo político. As interações engendradas pela tecnologia mais do que evidenciar a mudança de suporte para práticas de linguagem, constituem-se em uma nova ordem, uma reinvenção social (MOITA LOPES, 2010).

Recuero (2009) argumenta que se trata de uma nova sociabilidade movida pelo uso e pela participação crescente de pessoas comuns nos sites de redes sociais no ciberespaço, estas que proporcionam a construção de relações sociais motivadas pelo interesse das pessoas e/ou classes organizadas em divulgar seu perfil profissional, suas rotinas, sua ideologia, suas lutas ou preferências de toda ordem. Cabe, pois, compreender o papel social e cultural da *web 2.0* como um espaço construído e fomentado pelos próprios atores sociais que podem fazer deste um aliado para a mobilização política, para a conscientização de toda uma classe e/ou grupo a partir da propagação de múltiplas vozes (MOITA LOPES, 2010).

Nesse cenário, falamos em práticas de leitura e de escrita não legitimadas pela escola, práticas de interação pela linguagem em que identidades são afirmadas e construídas, constantemente, na interação dos grupos nas redes sociais. Partindo da premissa de que as práticas discursivas, sejam na *web* ou fora delas, não são - homogêneas, em termos educacionais, a perspectiva do letramento crítico permite-nos compreender os usos da linguagem para além dos elementos linguísticos, visto que nos possibilita situar as crenças, os valores e os significados construídos no bojo de um dado contexto social. Fazendo isso, atuamos, criticamente, na e pela língua na medida em que proporcionarmos aos alunos o reconhecimento da língua como uma produção de um coletivo que está sócio-historicamente marcado.

Acreditamos que refletir sobre os novos letramentos digitais, implica necessariamente fazê-lo com base nas práticas sociais de leitura e de escrita (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007; MOITA LOPES, 2010; BUZATO, 2010). Outro aspecto diz respeito à democratização dos espaços de interação surgidos com as redes sociais que possibilitam a manifestação e a propagação de vozes sociais nem sempre difundidas. Infelizmente, ao impulsionar os novos usos da linguagem e veiculação de ideias, a *web* instaura novos letramentos que ainda não são contemplados pelas práticas pedagógicas ou se quer são reconhecidos (FREITAS, 2010).

Dado incontestado, tal como a língua, a tecnologia está em constante evolução, o que requer o desenvolvimento de habilidades específicas que permitam alunos e professores realizarem uma leitura proficiente e crítica a partir da interpretação de múltiplas linguagens. Para que isso ocorra, os novos letramentos digitais precisam ser contemplados nos espaços de formação inicial e continuada do professor, na tentativa de que este compreenda a influência destes nos novos usos da linguagem e na formação discursiva e cultural dos alunos. Isso porque, a *web*, mais do que favorecer o surgimento de novos espaços de interação, possibilita a afirmação de identidades e a participação de diferentes grupos sociais; fator suficientemente relevante para motivar pesquisas e mobilizar as práticas pedagógicas rumo ao desenvolvimento de práticas sociais de leitura e de escrita na perspectiva do letramento crítico.

Moita Lopes (2010) em sua análise sobre a construção de identidades em duas redes sociais, conclui que a *web* impulsiona a criação de espaços alternativos de ativismo político, propagação de discursos plurais em que o engajamento nas práticas de leitura e de escrita em torno de um tema coletivo ocorre. A *web*, mais do que um canal de informação, consolida-se como um espaço de autoria, participação, colaboração e a construção de identidades culturais. Devido à sua natureza colaborativa, a *web 2.0* tem suscitado que novos letramentos digitais sejam compreendidos como “[...] espaço de discussão, de reinvenção social, de agenciamento e de transgressão” (p. 394). Ainda segundo o linguista, a *web 2.0* precisa ser compreendida não apenas como um espaço alternativo de comunicação, e, sim, como propulsora de práticas socioculturais evidenciadas, sobretudo pelo discurso. Sendo assim, as relações sociais que são engendradas pelos sites de redes sociais no ciberespaço, proporcionam a construção de relações motivadas pelo interesse das pessoas e/ou classes organizadas em divulgar seu perfil e /ou suas ideologias. Cabe compreender o papel social e cultural da *web 2.0* como um espaço construído e fomentado pelos próprios atores sociais que podem fazer deste um aliado para a

mobilização política, a conscientização de toda uma classe e/ou grupo a partir da propagação de múltiplas vozes (MOITA LOPES, 2010).

Adotando o conceito de identidade de Hall (2009) como uma produção social não estática, unificada ou homogênea que é construída dentro e não fora dos discursos, a inserção dos novos letramentos digitais na escola mais do que uma adequação ao modismo tecnológico significa reconhecer esses espaços de embates, conflitos e tensões por meio da linguagem.

Para Hall (2006), em decorrência de um cenário acelerado próprio da modernidade, também influencia o processo de construção de identidades, já que o sujeito não apresenta mais “[...] uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...]” (p. 12).

Diferentes áreas do conhecimento tomam o tema identidade como objeto de análise, em linhas gerais conforme (CASTELLS, 1999; MIRANDA, 2000; GEE, 2000; HALL, 2009; SILVA, 2009; WOODWARD, 2009) a identidade é compreendida como uma construção coletiva, provisória, sociohistórica, heterogênea e em constante movimento.

Conforme Miranda (2000), o projeto da sociedade da informação apresenta a a centralidade das tecnologias, sobretudo, as que se relacionam à Internet e produzem um modelo de sociedade em que “[...] o sujeito não é um todo unificado e monolítico, uma totalidade, que flui e evolui a partir de si mesma, pois está também constantemente sendo descentrada e deslocada por forças externas” (p. 82).

Atrelada à questão da interação na *web*, para Recuero (2009), as redes sociais são as atividades realizadas pelos atores sociais nos chamados sites de redes sociais como o Facebook, MySpace, Orkut ou LinkedIn, entre outros; “[...] que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores” (p. 104).

Segundo Couto e Rocha, em sua pesquisa sobre a construção de identidades no Orkut, “[...] é possível compreender o termo identidade como discursos e práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais” (p. 25).

Diante disso, retomando a questão da inserção dos letramentos digitais na escola, é relevante indagarmos que modelo de educação estamos adotando e que aluno pretendemos formar ao desconsiderar esse novo cenário sociocultural. Nesse sentido, o papel do professor deixa de ser o de detentor do conhecimento e passa a ser considerado como um mediador do conhecimento (FREITAS, 2010). Ainda conforme a pesquisadora, hoje, o aluno já chega à

escola com uma experiência de uso da Internet e de navegação nas páginas da *web* melhor do que o professor, e, por essa razão, ele “[...] não vê mais o professor como um transmissor ou a principal fonte de conhecimento, mas espera que ele se apresente como um orientador das discussões em sala de aula [...]” (p. 348).

Concordamos com os pesquisadores (SNYDER, 2010; FREITAS, 2010; BUZATO, 2010) quando argumentam que promover mudanças na educação requer ações que vão além da inserção de recursos tecnológicos ou da criação de aulas de computação na escola. Acrescentaríamos, ainda, que um dos aspectos fundantes de uma educação com tecnologias, parte da necessidade de potencializar a aprendizagem de um tema ou conteúdo a partir do conhecimento e dos letramentos socioculturais do aluno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme discorremos ao longo deste artigo, ao considerarmos as práticas de leitura e de escrita como práticas sociais e, por acreditarmos que a linguagem como produção histórica é determinante para a ação do sujeito e a afirmação cultural deste, os estudos do letramento crítico apresentam-se os mais adequados para os propósitos desta pesquisa.

Acreditamos, ainda, que os novos letramentos digitais favoreçam a propagação de vozes de sujeitos e/ou grupos ou mesmo a veiculação de textos próprios do ambiente virtual - que como produção sociocultural, não são neutros ou homogêneos, e que por essa razão, precisam ser incluídos no ensino de línguas que ainda mantem uma tradição estruturalista.

Conclui-se que o tema “letramentos digitais” tem despertado o interesse de pesquisadores no que diz respeito às mutações no uso da linguagem, mas que de forma geral, ainda não tem sido contemplado na educação em face a um modelo tradicional de escola e de prática pedagógica centrada no professor e na transmissão de conhecimento, o que destoa do perfil de aluno que estamos encontrando atualmente nas salas de aula.

Por fim, salientamos que os novos letramentos digitais podem contribuir na aprendizagem dos alunos, na medida em que ampliam o acesso destes às práticas sociais de leitura e de escrita como requisitos para a afirmação de identidades e para a promoção da cidadania.

## REFERÊNCIAS

- BUZATO, Marcelo El K. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. In: RIBEIRO, A. E. (Org.). **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad. Klauss B. Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- COUTO, Edvaldo S.; ROCHA, Telma B. Identidades contemporâneas: a experimentação de 'eus' no Orkut. In: COUTO, E. S.; ROCHA, R.B. (Orgs.). **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- FERREIRA, A. J. Formação de professores de língua inglesa e o preparo para o exercício do letramento crítico em sala de aula em prol das práticas sociais: um olhar acerca de raça/etnia. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel-PR, v. 7, n. 12, p. 171-187, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/897>> Acesso em: 09 jun. 2011.
- FREITAS, M. F. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300017)> Acesso em: 20 jun. 2011.
- GEE, James P. Identity as an analytic lens for research in education. **Review of research in education**, Washington, v. 25, p. 99-125, 2000. Disponível em: <<http://www.jamespaulgee.com/sites/default/files/pub/Identity.pdf>> Acesso em 23 ago. 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 103-133.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, Ângela B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul./dez. 2010.
- LANKSHEAR; C.; KNOBEL, M. **Introduction - Digital literacy: concepts, policies and practices**. Nova York: Peter Lang, 2007. p. 01-16.
- LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MIRANDA, Antônio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a10v29n2.pdf>> . Acesso em: 23 set. 2011.
- MOITA LOPES, L. P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trab. Ling.**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, jul./dez. 2010.

RECUERO, Raquel C. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009. p. 73-102.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SNYDER, I. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. Trad. de Marcelo El K. Buzato. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 255-282, dez. 2010.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300013&script=sci_arttext)> Acesso em: 20 jun. 2011.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.